

# Homens de ouro: o *métier* de garimpeiro e os garimpos clandestinos em Mariana - Minas Gerais.

---

LUCIANO RODRIGUES COSTA

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o contexto atual dos garimpos de ouro em Minas Gerais, a constituição de suas características organizativas fundamentais e a cristalização da peculiar estrutura das suas relações sociais de trabalho. Desenvolve-se, neste sentido, uma discussão do garimpo enquanto uma atividade do setor informal, remetendo ao imaginário social do garimpeiro cristalizados nas regiões das minas. Focando nas diversas formas contemporâneas de extração do ouro, discute-se também o conceito de *métier* no trabalho do garimpeiro clandestino, ressaltando as razões pelas quais essa atividade pode ser entendida como um *métier*.

**Palavras-chave:** garimpos, *métier*, trabalho informal.

## RÉSUMÉ

L'objectif de cet article est d'analyser le contexte actuel des minération clandestine d'or dans l'état de Minas Gerais, la constitution de leurs caractéristiques organisationnelles fondamentales ainsi que la cristallisation de la structure particulière de leurs relations sociales de travail. On abordera une discussion sur cette activité du secteur informel en mettant la lumière sur d'imaginaire social du chercheur d'or cristallisés dans les régions des mines. En focalisant les diverses formes contemporaines d'extraction de l'or, on discutera le concept du métier dans le travail du chercheur d'or clandestin, on rejaillira les raisons lesquelles cette activité peut être considérée comme un métier.

**Mots-clés:** minération clandestine d'or, métier, travail informel.

## 1. INTRODUÇÃO

O termo garimpeiro emergiu na região das *minas* em inícios do século XVIII, e designava aqueles que, desrespeitando a legislação da coroa portuguesa, mineravam as jazidas localizadas em pontos ermos do território, escondidas nas “grimpas” das serras. Neste sentido, a própria etimologia da palavra garimpeiro já denotava ilegalidade, marginalidade e repressão da força de trabalho. De um lado, em um jogo de muitos artifícios, conflitos, alinhamentos e realinhamentos contínuos, a atividade foi se organizando a partir da clivagem entre concessões reconhecidas legalmente e de largo cabedal; do outro lado, um mundo clandestino e sempre movente – o dos garimpos. Particularmente a região em torno das cidades de Ouro Preto e Mariana, núcleo inicial do ciclo do ouro, teve sua fisionomia moldada pela extração de ouro e de diamantes nas margens do Ribeirão do Carmo e córregos que o alimentam. O ouro deixou suas marcas na paisagem característica dos núcleos urbanos, das serras e dos rios submetidos a séculos de atividades extrativas. Também o fez nos contornos da vida econômica, e, não menos importantes, nas formas de pensar, de sentir e de sonhar de seus habitantes. Há, sem sombra de dúvida, um “imaginário do ouro” que preenche os poros da vida e a memória desta região.

Longe de desaparecer, o mundo do garimpo perdura ainda, sempre à margem da lei. A atividade continua presente naquela região, assim como em outras partes do Estado de Minas Gerais, como uma das principais bases da economia local, sendo o responsável por grande absorção de mão-de-obra.

Embora seja a garimpagem um *métier* tradicional, ela se transformou ao longo do tempo, seja pela mudança lenta das técnicas de extração, seja pelas transformações nas relações de traba-

lho, ou mesmo pelos diferentes tratamentos que lhe foram dados pelo Estado. Atualmente, a atividade garimpeira de ouro no Brasil, principalmente a de extração aluvionar, continua como um importante segmento da mineração, tanto do ponto de vista da produção aurífera, como da absorção de mão-de-obra. Nos últimos vinte anos, várias transformações ocorreram na atividade. Os garimpos artesanais de subsistência praticamente desapareceram, surgindo um novo tipo, estruturado em bases empresariais. Estes novos garimpos são mecanizados, caracterizando novas relações de trabalho, na sua divisão e organização. A atividade, atualmente, exige do trabalhador uma maior especialização, uma vez que se tornou mais complexa. É imprescindível o conhecimento de mecânica, de utilização do mercúrio, de drenagem das cavas, etc.

Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo discutir o contexto atual dos garimpos bem como o conceito de *métier* no trabalho do garimpeiro clandestino de ouro. Para tanto focamos a discussão nos garimpos clandestinos da região de Mariana em Minas Gerais.

Para a realização deste estudo fez-se necessária a aplicação de algumas técnicas específicas de coleta e análise de dados, como, por exemplo, a observação participante e a realização de 16 entrevistas semiestruturadas. Somaram-se mais de vinte horas de gravação, imprescindíveis ao entendimento da atividade, sobretudo na apreensão da composição do *métier* de garimpeiro e sua transformação. Optou-se pelo acompanhamento dos trabalhos de oito grupos num total de 52 garimpeiros dos distritos de Monseñor Horta, Cláudio Manuel, Furquim e Padre Viegas, visando um entendimento direto do processo de extração. Os donos dos garimpos foram essenciais para a obtenção das informações sobre os saberes específicos da atividade, assim como os garimpeiros

mais experientes, reconhecidamente detentores dessas competências. Por tudo isso, a presença continuada na região escolhida foi de extrema importância para a observação dos aspectos da vida cotidiana da comunidade, e das relações de trabalho da atividade garimpeira ali existentes.

A partir das observações foi possível constatar a existência, apesar da gradual diminuição, de uma média de 300 pessoas envolvidas diretamente na atividade garimpeira em todo o município de Mariana: garimpeiros, compradores de ouro e proprietários das áreas onde são feitas as extrações. Esta média é extremamente variável, devido à rotatividade do processo de extração e à vinda de forasteiros, em épocas de estiagem. Nestas ocasiões, pode ser encontrada na região uma quantidade muito grande de novos garimpos, mas estes têm curta permanência. A exploração, entretanto, nunca se encerra, e é sustentada pelos garimpeiros moradores dos distritos, que estão permanentemente envolvidos com a atividade, mesmo quando desenvolvem simultaneamente outras ocupações. Durante a pesquisa, constatou-se a presença de, pelo menos, 25 pontos de garimpo em todo o município ao longo das margens do Ribeirão do Carmo; são eles a principal fonte de renda, e, conseqüentemente, de subsistência para os trabalhadores envolvidos. Combinando os relatos dos garimpeiros obtidos nos períodos de permanência com a observação de todo o processo de trabalho no garimpo, procurou-se analisar todo o sistema de organização do trabalho e o papel central das relações de confiança na estruturação das relações de trabalho em um contexto de ilegalidade.

Assim, na primeira parte, é feita uma análise das diversas formas contemporâneas de extração de ouro. Na segunda parte é desenvolvido o conceito de *métier*, entendendo-o como um modo particular de organização e de divisão do trabalho, estruturado em

um conjunto de saberes práticos, ligados às “manhas do ofício” e irreprodutíveis pela educação formal, consolidados pela experiência e reproduzidos pelos mais experientes. Na terceira parte, são explorados alguns dos resultados da pesquisa de campo realizada entre os garimpeiros de Mariana, e desenhados os contornos gerais da realidade cotidiana do mundo do garimpo. Através de alguns dos relatos de garimpeiros pretendeu-se chegar a uma compreensão do grupo em estudo, visando entender os tipos de interação local e o seu relacionamento com o mundo. Em seguida é desenvolvida uma narrativa sobre o *métier* de garimpeiro, ressaltando as razões pelas quais esta atividade pode ser entendida como um *métier*.

## 2. AS DIVERSAS FORMAS CONTEMPORÂNEAS DE EXTRAÇÃO DO OURO

As formas de organização do trabalho de garimpagem apresentam diferenças marcantes em relação a outras formas de organização do trabalho de mineração. Constata-se o fato de que a extração mineral é caracterizada por duas formas distintas de organização do trabalho: os empreendimentos de pequena escala do garimpo e as lavras de grande escala; durante a década de 1980, o garimpo transforma-se de tal monta que dá origem a uma forma de organização do trabalho com novos contornos: o *garimpo semimecanizado*.

Por conseguinte, torna-se importante distinguir as características estruturais de cada um destes formatos produtivos. A partir de construções de *tipos ideais*, como recurso heurístico, decidiu-se marcar mais claramente as semelhanças e os contrastes entre os vários modelos de organização produtiva da extração mineral. Como acontece sempre com os tipos ideais, tais *constructos* são apenas aproximações imperfeitas da imensa complexidade e heterogeneidade

das situações reais da extração mineral, que permitem organizar gradientes e conjuntos significativos de características estruturais.

Delineavam-se, assim, pois, três grupos de formas predominantes de organização produtiva da extração mineral experimentadas historicamente no contexto brasileiro: o *garimpo artesanal*, o *garimpo semimecanizado* e as *grandes empresas mineradoras*, cada qual apresentando processos de trabalho, formas de conhecimento e estruturas de cooperação e autoridade particulares. As principais diferenças são tematizadas no quadro abaixo, adaptando as classificações propostas por Tilly & Tilly (1998):

	GARIMPO ARTESANAL	GARIMPO SEMI MECANIZADO	EMPRESA MINERADORA
<i>Escala</i>	Individual/Familiar	Pequenos Grupos/ Familiar	Grandes Números
<i>Divisão do Trabalho</i>	Unidade do Processo de Trabalho/ Estruturada pelo métier	Divisão do Trabalho estruturada pelo métier	Divisão Taylorista do Trabalho
<i>Controle do Processo de Trabalho</i>	Trabalhador	Negociações entre Trabalhador/Gerência	Gerência e organização hierárquica
<i>Base Técnica</i>	Técnicas Rústicas Tradicionalistas	Técnicas artesanais e desmonte mecânico/ sondagem precária	Mecanização/ Sondagem
<i>Formas de Conhecimento</i>	Experiência Prudencial e Critérios de Julgamento	Experiência Prudencial e Rotinas	Rotinização e Prescrição Prévia
<i>Previsibilidade dos Resultados</i>	Reduzida	Reduzida	Elevada
<i>Estruturas de Incentivos</i>	Redes sociais informais	Compensação material Redes sociais informais	Compensação Material
<i>Relações de Trabalho</i>	Horizontais	Verticalizadas, mas dependentes de cooperação.	Verticais
Networks	Família e Trabalho	Família, Trabalho e Localidade.	Trabalho e Hierarquias
Contexto Institucional	Informalidade	Informalidade	Formalidade

O *garimpo artesanal* ou manual constitui uma atividade econômica tipicamente orientada à subsistência, mantendo-se ainda na marginalidade de forma residual em algumas regiões. Caracteriza-se pela ausência completa de máquinas e de sondagem. Utiliza algumas ferramentas como a bateia, e, atualmente, faz uso do mercúrio para a apuração do ouro. É uma atividade que requer baixíssimo capital. Obviamente, não detém a concessão da área de exploração e continua na clandestinidade, atuando nos rios e nas suas margens. Mantém quase intactas as mesmas técnicas utilizadas nos séculos passados. É um empreendimento individual, itinerante e realizado por grupos independentes, muitas vezes familiares.

Este não é o grupo mais perseguido pelos órgãos fiscalizadores, pois o seu poder de degradação ambiental não é grande. Muitas vezes, trabalha clandestinamente nos esgotos das grandes mineradoras, onde explora os resquícios de uma extração mais racional. Normalmente os donos dos garimpos semimecanizados permitem que estes grupos se aloquem ao lado de suas cavas.

O *garimpo semimecanizado* também possui um caráter itinerante, principalmente nos garimpos com sistema de balsas, em que a extração é feita dentro do leito do rio, tornando desnecessários os acordos com os donos dos terrenos. São formados por grupos que variam entre 5 e 10 trabalhadores, sendo os donos normalmente familiares que contratam outros trabalhadores. Os garimpeiros, via de regra, lavram terras de terceiros. Em função disto, são estabelecidos acordos entre os garimpeiros e os proprietários ou entre os garimpeiros e os financiadores do empreendimento, o que, ocasionalmente, gera conflitos. Estão ausentes as técnicas de sondagem, portanto, é baixo o índice de previsibilidade.

Este tipo de garimpo emergiu a partir dos anos 80 em razão do desenvolvimento das técnicas e processos de trabalho dos garimpos artesanais. O principal elemento que o diferencia do garimpo manual é o uso de motores na extração; equipamentos que não foram desenvolvidos pelos próprios trabalhadores, pois são motores adaptados à atividade garimpeira em momentos circunstanciais favoráveis, podendo ser encontrados em outros tipos de atividade extrativa, como a de diamantes e a de areia. O uso de tais motores modificou radicalmente a extração aurífera, tornando a atividade muito mais dinâmica e eficaz.

A produtividade é mais elevada se comparada aos garimpos artesanais, pois, com os motores, maiores profundidades são atingidas. No entanto, em termos gerais, a extração é pequena, uma vez que as áreas de maior ocorrência já foram bastante exploradas pelas grandes empresas possuidoras das concessões de extração. A utilização de motores também passou a envolver maior número de trabalhadores e a exigir um nível de especialização mais elevado. Com isto, surge uma divisão maior do trabalho que, pelas próprias características da atividade, não é muito rígida.

As relações de trabalho são estabelecidas em um sistema de confiança mútua e a remuneração é por porcentagem do total de minério extraído. São relações verticalizadas, mas sem rigidez, ou seja, com mecanismos de coordenação em que os donos dos motores determinam as tarefas a serem executadas, e os trabalhadores as executam em conjunto com os garimpeiros mais experientes.

Os garimpos semimecanizados possuem um investimento de capital fixo, aplicados essencialmente em motores, e, em alguns casos, em tratores. Estes são alvo de fiscalização dos órgãos am-

bientais, em razão do elevado poder de destruição do meio ambiente pela ação dos motores, pela utilização do mercúrio e pela maior visibilidade da degradação provocada.

Os locais de extração, tal como os dos garimpos artesanais, são determinados por saberes adquiridos no trabalho. Muitas vezes, as orientações são fornecidas por garimpeiros mais velhos, detentores reconhecidos destas competências.

Um terceiro tipo de extração de ouro é o realizado pelas *empresas mineradoras*. Estas empresas são altamente mecanizadas, com sistemas de dragas flutuantes que retiram elevadas quantidades de cascalho para a apuração e atuam com um sofisticado sistema de apuração química do ouro, em alguns casos sem a utilização de mercúrio. Através da prospecção geológica, é avaliada a jazida em seu prognóstico e diagnóstico, o que lhes possibilita extrair grande quantidade de ouro. Além disso, a prospecção restringe as incertezas do terreno, permite o planejamento e a projeção dos resultados econômicos da lavra e reduz os riscos do empreendimento; conseqüentemente, aumenta a possibilidade de um êxito compensador. Submetidas a uma racionalidade capitalista, estas empresas tentam de todas as formas minimizar e tornar controláveis os imprevistos característicos da extração. Estas empresas se diferenciam radicalmente dos garimpos anteriormente descritos, pois adquirem a concessão de grandes extensões de terras onde existem jazidas conhecidas ou supostas.

As relações de trabalho se assemelham às de quaisquer empreendimentos capitalistas: os trabalhadores são assalariados, submetidos à gerência, etc. Este grupo possui um elevado potencial de degradação ambiental, que é fiscalizada pelos órgãos ambientais dos Estados.

### 3. O MÉTIER

O *métier* se apresenta como um elemento estruturante das organizações produtivas, ou ainda, como um conjunto de conhecimentos e de “*savoir-faire*” ligados às atividades do trabalho, que evoluem ou se modificam com o tempo (TOMASI, 2004).

O termo *métier* emergiu no século X para caracterizar a especialização da metalurgia que se desenvolvia na Idade Média, a partir do artesanato e da divisão do trabalho entre cidade e campo. Já então a noção de *métier* era acompanhada de um certo reconhecimento e prestígio social, no interior do quadro da prática profissional artesanal.

No entanto, a etimologia da palavra denota, também, uma conotação pejorativa, associada à servidão e à escravidão. O campo semântico de *métier* emerge pela deformação das antigas palavras *menestier*, *mistier*, *service*, *office*, que são contrações do latim *ministerium*, que está na raiz de *mistério* que, por sua vez, vem de *minus*, o menos, o inferior (ROBERT, 1966). A ambigüidade se resolve, quando lembramos que, no imaginário medieval das três ordens, o trabalho, por mais virtuosismo que revelasse, não atingia a dignidade das atividades daqueles que rezavam e combatiam.

A noção moderna de *métier* formou-se nos meios industriais, no início do século XX, e, sobretudo, a partir da 2ª Guerra Mundial, época em que se torna sinônimo de qualificação e formação profissional. A noção de *métier* remete, atualmente, ao conjunto de habilidades técnicas, intelectuais e manuais associadas à experiência prática.

A porta de acesso ao *métier* é sempre o aprendizado e a experiência prática em uma atividade complexa e mutável, que exige elevado grau de discricção e discernimento por parte do trabalhador. Assim, o *métier* pode ser entendido como uma forma específica de estruturar a divisão do trabalho e os seus mercados, estabelecendo uma forma particular de redução da contingência, ou seja, uma redução dos riscos de um processo de seleção dos trabalhadores. Em muitos ambientes industriais da era moderna, a presença de elementos de *métier* (ou *craft*) no processo de trabalho esteve historicamente associada à presença de modalidades de subcontratação e organização de equipes de trabalho, de natureza fundamentalmente diversa das hierarquias e formas de recrutamento do trabalho de outras ocupações. (STINCHCOMBE, 1990; TILLY & TILLY, 1998).

O *métier* confere ao trabalhador uma certa identidade e prestígio, e é responsável também pela estruturação de uma forma específica de divisão do trabalho. De modo típico, embora não exclusivo, atividades estruturadas pelo *métier* tendem a se enraizar profundamente em certos contextos sociais específicos, em que pertencimentos e identificações de família, trabalho, localidade ou etnicidade jogam um papel decisivo na moldagem de um certo *esprit de corps*. Por outro lado, o elevado grau de julgamento prudencial e a necessidade de cooperação, que caracterizam a maior parte dos processos de trabalho típicos do *métier*, supõem maior autonomia no controle do processo de trabalho, com relações mais horizontalizadas e sujeitas à permanente negociação.

Quando se fala em *métier*, é importante contrastá-lo com o seu oposto, os modelos de trabalho do mundo fabril, sempre envolvido pela dinâmica taylorista. Zarifian (2001) estabelece diferenças importantes, opondo o *modelo de operação* associado

ao mundo fabril taylorizado ao *modelo de métier* em vários níveis, tais como: a *aquisição do métier*, a *aprendizagem do métier*, e o *modelo do métier*.

Segundo este autor, a *aquisição do métier* não está relacionada prioritariamente às operações no trabalho, mas fundamentalmente às regras de ação, em que a base de julgamento é o produto final. Essas regras se assemelhariam às da arte, pois não é a simples repetição mecânica e predeterminada das regras que conta, mas a incorporação dos efeitos que se possam relacionar a elas. No contexto do *métier*, as regras não são auto-aplicáveis, mas dependem de uma complexa avaliação das contingências da situação.

A *aprendizagem do métier* não tem como finalidade exclusiva ensinar a reproduzir determinadas rotinas e produtos. Essa reprodução é somente uma estratégia de aprendizagem, mas não a verdadeira finalidade. Esta se faz pela particularização do processo e do produto, o que implica uma criatividade do autor. No caso dos garimpos de ouro, abrindo um parêntese nesta discussão, o que se nota é uma particularização do processo de trabalho, mas não do produto, uma vez que este é tipicamente divisível e homogêneo, o que, como se verá, não descaracteriza o garimpo enquanto *métier*.

A repetição das atividades de trabalho é algo secundário no *métier*, que requer, ao contrário, uma compreensão das razões dessas regras, ou seja, um trabalhador de *métier* sabe o porquê proceder desta maneira e não de outra para alcançar um resultado. Neste sentido, a relação entre mestre e aprendiz é diferente daquela que impõe o instrutor taylorista. O mestre é rigoroso no resultado, pois este depende do entendimento prático do indivíduo no que concerne ao código de referência do trabalho:

A aprendizagem do *métier* é a aprendizagem da diferenciação: alguém domina inteiramente seu '*métier*' quando reconhece sua maneira particular de trabalhar, quando se pode descobrir nela uma contribuição original. (...) Se a aprendizagem é, em geral longa, é porque é preciso, ao mesmo tempo ter tomado conhecimento das "boas" regras existentes, é preciso tê-las assimilado totalmente, ter dominado a "habilidade específica" necessária (e certo "modo de pensar") que não é objetivada, mas a qual é preciso ter conseguido agregar originalidade. (ZARIFIAN, 2001:158).

O *modelo do métier* é, por ele, associado de maneira decisiva ao meio social da comunidade profissional, que é onde se estrutura e valida a aquisição do saber-fazer. Assim, o *métier*:

Tem igualmente por objeto regras de comportamento, que se referem, em especial, ao respeito aos antigos, a valores éticos explícitos (de honestidade, de lealdade, por exemplo), à demonstração de uma disposição para vencer as diversas provas a que a progressão do *métier* implica. (ZARIFIAN, 2001:158)

Segundo Zarifian, o *métier* está aberto à inovação, mas resiste às rupturas que questionam o prestígio das regras estabelecidas. O *métier* sempre recorre à tradição, inserindo, na sua estrutura, o significado do tempo histórico. Mas, no entanto, resiste à abertura dessa tradição a fatores estranhos, que poderiam desestabilizá-lo.

A aprendizagem de uma atividade estruturada em torno do *métier* é constituída dentro do ambiente de trabalho em anos de atividade, e se caracteriza pela experiência na resolução de imprevistos da atividade. Quase sempre, o saber exigido está ligado a um conhecimento tácito e a saberes empíricos, como ressaltou

Zarifian, e é reconhecido dentro do grupo como um valor e um orgulho para quem os detém. São esses saberes práticos, ligados às “manhas do ofício” e irreprodutíveis pela educação formal, transmitidos pelos mais experientes e consolidados pela experiência, que constituem a base do *métier*. Saberes esses que também proporcionam poder para quem os detém, e são de fundamental importância na compreensão da dinâmica de uma atividade e das classificações hierárquicas dentro e fora do ambiente de trabalho.

#### 4. A ATIVIDADE GARIMPEIRA SEMIMECANIZADA EM MARIANA

Atualmente, os garimpos de ouro de Mariana se estruturam de uma forma bastante diversa da que eram no passado. As mudanças são nítidas: esta atividade eminentemente artesanal, de subsistência, marcada pelos imprevistos, tendo na bateia o principal símbolo e no garimpeiro o personagem central, hoje ficou mais complexa e o uso dos motores passou a exigir novas habilidades para a sua operação.

Diferentemente do que aconteceu nos setores produtivos clássicos, o aumento da complexidade trazida pela incorporação dos motores não foi acompanhada pela introdução de uma divisão do trabalho rígida no interior do processo de trabalho. No garimpo semimecanizado, a maior parte dos trabalhadores exerce dentro da cava de extração quase todas as funções que a atividade requer. A incorporação dos motores ampliou o escopo de habilidades e saberes necessários à atividade garimpeira, sem, entretanto, produzir especializações estanques. O saber-fazer é apreendido pelo garimpeiro no trabalho e em anos de experiência na extração.

É reconhecido como um valor e um orgulho para quem o detém e é a característica fundamental de seu *métier*. Todo o saber exigido está ligado a um conhecimento tácito e a saberes empíricos. Estes saberes práticos, ligados às “manhas do ofício” e que não se encontram na educação formal, constituem a base do *métier*.

A introdução dos motores de garimpo na extração de ouro no Brasil se inicia nas décadas de 60 e 70 do século XX, com grande impacto na eficiência da extração. A mudança no perfil e na escala dos empreendedores, e a nova combinação de conhecimentos necessários favoreceram a adoção de novas formas de organização e divisão do trabalho. Tais mudanças propiciaram significativas transformações nas relações de produção e nas sociabilidades da atividade

Até o início da década de 1980, o garimpo apresentava uma base técnica rudimentar. Os motores eram muito raros e existiam, quando muito, algumas bombas para a sucção da água. Os equipamentos se resumiam à bateia, enxadas e pás. O mercúrio, atualmente de uso indiscriminado e responsável por danos ao meio-ambiente e à saúde, era então muito pouco utilizado. A separação de impurezas do ouro era feita, também, de uma forma extremamente primitiva, longe dos níveis atuais de exigência, gerados pelas novas características operacionais da atividade, como por exemplo, os dos compradores de ouro, que passaram a exigí-lo já queimado e sem resquícios de mercúrio.

Em Mariana, a atividade garimpeira se desenrola hoje fundamentalmente no contexto do aproveitamento de ocorrências de ouro economicamente desinteressantes para as grandes empresas de mineração. Isto ocorre devido às próprias características geológicas desses depósitos e à intensa exploração feita em muitos

na região. Não se justificam, portanto, maiores investimentos nas fases de pesquisa mineral e de lavra.

O que se percebe atualmente é uma transformação do garimpeiro de subsistência em grupos de extração com equipamentos mais sofisticados, liderados pelo que podemos chamar de garimpeiros empresários. Estes se caracterizam por possuírem um empreendimento mecanizado, normalmente com dois motores de sucção, e pelo poder de contratar demais garimpeiros para as funções exigidas. Normalmente, não existem contratos formais, sendo os acordos de trabalho baseados em um sistema de confiança mútua, em que o garimpeiro recebe uma determinada porcentagem do total do ouro extraído semanalmente. Apesar do caráter clandestino da atividade, os donos dos motores agem como pequenos empresários, detendo, vez por outra, mais de um ponto de extração. Na maior parte das vezes, são os próprios donos que selecionam os trabalhadores e negociam os contratos informais de trabalho, além de coordenar e gerenciar todas as atividades.

#### 4.1 O CARÁTER ILEGAL E AS RELAÇÕES DE CONFIANÇA NA ATIVIDADE GARIMPEIRA

O que se percebe atualmente é que o papel do Estado, e, em particular, a natureza e a abrangência de sua capacidade reguladora definirão o campo de possibilidades e limites em que se desenrolará a atividade garimpeira. Tanto as formas de organização do trabalho, quanto a natureza das redes de transações econômicas em que se situa o garimpo serão profundamente marcadas pelas formas de confiança interpessoal e previsibilidades criadas pelo contexto geral em que se insere a atividade.

Vale a pena salientar como a literatura recente sobre *economias informais* é capaz de lançar luz sobre as formas de estruturação do garimpo. Alejandro Portes (1994, p.15) entende por informalidade “uma ação econômica desenvolvida à margem do poder legalmente instituído, sendo neste sentido, excluída da proteção das leis, ou seja, uma atividade produtiva de bens e serviços que se desenvolve paralelamente à economia formal”.

É importante distinguir conceitualmente atividades econômicas *informais* e *ilegais*. A incapacidade de marcar analiticamente a distinção conduz, freqüentemente, a interpretações equivocadas do fenômeno da informalidade. Segundo Portes (1994, p.15), “o empreendimento ilegal envolve a produção e a comercialização de bens que são definidos, em um determinado lugar e tempo, como ilícitos.” No empreendimento informal, ao contrário, os acordos são realizados na sua maioria com bens lícitos, embora sob modalidades de ação econômica não sujeitas (ou resistentes) à regulação estatal. Assim, pode afirmar-se que a diferença básica entre economia formal e informal não está no caráter final do produto, mas sim, na maneira como ele é produzido e trocado.

Segundo Portes (1994), as relações entre a regulação estatal e a informalidade estariam submetidas a dois paradoxos. Um deles tem como ponto de partida a crítica a certas interpretações que vêem na economia informal a concretização espontânea de um verdadeiro mercado puro, sem as intervenções distorsivas da regulação estatal. O paradoxo, segundo este autor, é que quanto mais a economia informal se aproxima do modelo de “verdadeiro mercado”, mais dependente ela se torna de fortes laços sociais, que permitam a continuidade das transações em um contexto onde estão ausentes garantias formais. O vácuo da regulação estatal deve

ser preenchido por mecanismos de mobilização de recursos e estabilização das transações baseadas em *networks* sociais específicas. Outro paradoxo diz respeito ao tratamento dado pelo Estado à economia informal, ou seja, esforços para impedir ou limitar a expansão das regras e controles dessa economia podem exacerbar várias dessas condições, e, muitas vezes, dar origem a essas atividades. Neste sentido, o que pode acontecer é que a regulação estatal, apesar de não criar a economia informal *ipso facto*, gera oportunidades para o seu desenvolvimento. Isto pode ser percebido no fato de muitas comunidades se organizarem, resistindo ao controle do Estado e, simultaneamente, tendo vantagens e oportunidades por ele criadas.

O que se percebe nesta discussão é que existe uma linha tênue entre a informalidade e a ilegalidade, e isto é bem expresso na atividade garimpeira. O garimpo se caracteriza atualmente como um empreendimento informal, em que estão ausentes as garantias formais do direito de propriedade; sempre à margem da ordem legalmente constituída. Esta marginalidade é fundamental na constituição do ambiente de trabalho, definindo as bases de toda a sua estrutura a partir de uma lógica organizacional totalmente diversa das organizações burocráticas convencionais.

Toda a sua organização é estruturada provisoriamente, seja em função da imprevisibilidade gerada pela fiscalização, seja pelas características naturais e próprias da atividade. De um lado, a profunda instabilidade e incerteza, que sempre envolveram a atividade, fazem com que sejam reduzidos os horizontes temporais dos garimpeiros, inibindo investimentos com base em capital fixo de longo prazo. De outro lado, a improbabilidade da regulação estatal determina que as transações econômicas se desenrolem em

um contexto de ausência de garantias, tornando os atos contratuais excessivamente dependentes de um elevado grau de confiança interpessoal. Ambas as circunstâncias concorrem para tornar as relações da garimpagem marcadas por elevada tensão e desconfiança. Esse ambiente de contingência exacerbada é, sem dúvida, um elemento de extrema importância na moldagem da organização do trabalho.

Esses fatores fizeram com que o garimpo se estruturasse em torno de uma cultura muito peculiar, solidificando uma organização dinâmica e específica de desenvolvimento. É em torno de um código tácito, caracterizado por uma complexa relação de trabalho pautado pela solidariedade entre os membros, baseadas em um conjunto de normas éticas pactuadas, que se estruturam as relações sociais no mundo do garimpo. É este tipo de relação que estrutura as relações de trabalho, as formas de gestão, os direitos e deveres dos trabalhadores, os mecanismos de recrutamento, a divisão do produto extraído, os direitos de exploração de uma determinada área e as relações com os compradores de ouro. Assim este código moral que regula as relações de confiança de uma forma geral, num contexto em que prevalecem contratos informais e em que os prejuízos trazidos pelo comportamento oportunista são, potencialmente, muito grandes. Em torno dessa cultura garimpeira, cristalizou-se uma representação mítica do garimpeiro estribada nas idéias de *sorte*, *aventura e jogo*, e corporificada em torno de uma série de lendas, mitos e histórias de grandes bamburros seguidos de falência. Esta representação, presente desde o surgimento da figura do garimpeiro, foi se fortalecendo gradualmente no imaginário popular e, por que não dizer, alimentada pelos próprios garimpeiros.

A legalização deste tipo de atividade esbarra sempre na burocracia do Estado. Quase sempre os terrenos, onde são realizadas as extrações, são áreas já requeridas junto ao DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral) por grandes empresas. Estas, por não se interessarem pelas áreas de pequenas jazidas, abrem espaço aos pequenos empreendimentos. Assim, o dono do terreno também comete o delito de arrendar, para a garimpagem, o subsolo que pertence à União e que deve ter licença do DNPM para exploração; o que ele não faz. Muitas vezes os proprietários de garimpo escolhem um determinado terreno para abrir uma cava, dependendo do valor cobrado pelo proprietário da terra para a sua utilização. Desta forma, ambos, garimpeiros e proprietários, estão na ilegalidade; entretanto, somente o garimpeiro é vítima do poder repressivo estatal.

Quando em Mariana se fazia uma garimpagem manual, usando somente ferramentas e sendo o uso do mercúrio muito raro, era incomum a presença de órgãos fiscalizadores. As transformações técnicas ocorridas na década de 1980 aumentaram o potencial lucrativo da extração, todavia a degradação ambiental se tornou visivelmente mais forte, o que intensificou a coerção exercida.

A questão ambiental é sem dúvida fundamental para se entender atualmente a ilegalidade e a intensificação da fiscalização da atividade garimpeira, tal como ocorre em Mariana. Com o surgimento de uma consciência ecológica no país, o garimpo de ouro passou a ser um dos vilões do meio ambiente, um mal que, no mínimo, deve ser controlado. No início da década de 1980, quando os garimpos semimecanizados começavam a se espalhar, o Brasil foi alvo das atenções internacionais devido ao desmatamento da Amazônia e também às imagens chocantes das

condições de trabalho dos garimpeiros de serra Pelada. A mídia brasileira e mesmo a internacional, apoiada pelos ecologistas, ainda que sem a intenção de fazê-lo, apontaram os culpados pelas degradações ambientais. Os garimpeiros estavam entre eles e foram responsabilizados pela grande contaminação mercurial e pela destruição das sociedades indígenas.

Esta visão do garimpeiro degradador, formada a partir dos garimpeiros da Amazônia e também dos garimpos de grande porte como os de serra Pelada e Poconé, foi difundida para o mundo todo, e, logicamente, para todas as áreas de garimpo no Brasil. As ações de denúncia realizadas pelas organizações civis passaram a ser constantes. Em Minas Gerais, destacam-se as ações promovidas pela AMDA (Associação Mineira de Defesa do Meio Ambiente) e pela FEAM (Fundação Estadual do Meio Ambiente). Desta forma, quase todas as regiões tradicionais de garimpagem de ouro e de diamantes foram vítimas de constantes denúncias aos órgãos públicos.

Se por um lado a atividade garimpeira se desenrola em um ambiente de confiança reduzida e elevado potencial de conflito, por outro, a própria natureza da atividade supõe elevado grau de cooperação, tanto no processo de trabalho, quanto na cumplicidade tácita frente a outras categorias sociais definidas como “estranhos”. Nos garimpos de Mariana, a conduta baseada na lealdade se apresenta, entre outros aspectos, na distribuição do produto da extração, e também é percebida na sua organização em função da clandestinidade. Este ambiente de elevada insegurança gera um medo constante de repressão e requer das pessoas envolvidas uma organização muito peculiar, que, vítimas da coerção estatal, unem-se para antecipar a fiscalização e se organizarem em função dela.

Atualmente, o garimpo é fiscalizado pela Polícia Militar de Meio Ambiente, a antiga Polícia Florestal, que atua ocasionalmente apreendendo motores, e, muitas vezes, prendendo os reincidentes. Este ambiente de tensão exige uma organização complexa e um alto grau de cooperação entre os garimpeiros, objetivando burlar as leis e manter a clandestinidade. Consolidou-se entre os garimpeiros e a comunidade uma cumplicidade que faz com que todos os garimpos sejam informados da presença desse órgão na região. Em tempos de maior concentração de garimpeiros, um deles atua como vigia; com motocicleta, percorre a estrada de acesso aos distritos, recebendo por esta função a mesma porcentagem de ouro atribuída aos demais. Outros meios também utilizados com o mesmo intuito são a queima de fogos de artifício e o uso de telefones celulares. Esta solidariedade é estimulada, na região, pelo caráter mais fixo da atividade, que favorece o estabelecimento de vínculos estáveis e duradouros, necessários à cristalização destes modelos tradicionais de atividade.

O que se percebe é que todos os garimpeiros reclamam da atuação da polícia na região. Estas reclamações se referem principalmente ao tipo de abordagem realizada, particularmente após o início da mecanização, como explica mais o garimpeiro G.

Hoje melhorou, porque no começo aí, a polícia vinha para destruir, dando tiro né, passado o tempo eles viram que o garimpeiro não era o bicho que eles pintavam né. Eles achavam que o garimpeiro tava armado, que ia enfrentar a polícia com arma, eles vinham para quebrar mesmo. Não tinha chance de ficar nada não, hoje não, hoje eles estão mais calmo com a gente. Agora, antes dos motores eles não amolavam não.

O que muitas vezes acontece é a não compreensão, por parte dos garimpeiros, dos reais motivos pelos quais o garimpo é ilegal. Definitivamente, a questão ambiental não se constitui um verdadeiro problema para eles, assim como os riscos causados pela utilização do mercúrio. Argumentos como o do garimpeiro G expressa o sentimento de incompreensão da ilegalidade do garimpo: “Eles deixa de pegar um assaltante que tá roubando aí, um assassino para poder pegar o garimpeiro, né? Que tá aí ganhando o pão de cada dia aí, acontece isso.”

A ação da polícia gera um sentimento de revolta, compartilhado por todos, principalmente na apreensão dos motores. Muitas vezes, alguns grupos, durante a escolha do local da extração, já levam em conta a fiscalização, optando pelas áreas de mais difícil acesso. Em Mariana, alguns grupos escolhem trabalhar em terrenos de empresas que exploram carvão vegetal. Esta escolha é justificada pela inexistência da porcentagem obrigatória para o dono do terreno, além de maior segurança, pois, segundo eles, essas companhias também realizam uma atividade clandestina e não teriam o interesse em denunciá-los.

As relações de confiança são um dos fatores estruturantes das relações de trabalho no garimpo, o que muitas vezes faz com que a atividade se organize em grupos familiares. As próprias características da atividade fazem com que a confiança adquira esta importância tão fundamental: ilegalidade, ausência das garantias da regulamentação estatal e produto do trabalho extremamente valioso. A ausência de garantias formais de direito faz com que toda a atividade se estruture no sentido de estabelecer redes de confiança de natureza eminentemente personalizadas. Nesta rede, estão todos os envolvidos direta e indiretamente na extração: o fazendeiro, que ilegalmente permite a extração em suas terras e recebe uma

porcentagem do ouro extraído, o comprador de ouro que leva o mercúrio para os garimpeiros e a comunidade, que informa aos garimpeiros a chegada da polícia na cidade.

Em alguns casos, as condutas cotidianas são referências no recrutamento dos trabalhadores. Em uma nítida tentativa de diminuir as contingências naturais de uma seleção de trabalhadores, são escolhidos aqueles que, nas palavras dos donos de garimpo, não possuem vícios, ou são, reconhecidamente, de confiança. O garimpeiro T, dono de um garimpo, explica o que leva em conta no processo de seleção, em que a confiança é um dos elementos fundamentais.

Às vezes você já conhece a pessoa e sabe se ela é de confiança ou não. E agora muitas vezes acontece de você já ter visto ou ter ouvido falar que fulano fez isso e isso, ah não, fulano pegou isso e isso de mim. Então é um tipo de coisa chata, então todo serviço tem que ter uma confiança. Então por exemplo você pega uma pessoa lá e ele é de confiança, ele é bom de serviço? Então eu faço questão que ele não trabalhe comigo né.

No entanto, tais precauções não evitam os conflitos. Estes se dão entre grupos em função das prioridades do terreno de extração. As disputas são comuns entre os garimpeiros e os compradores de ouro, que sempre pagam um preço muito abaixo do mercado. Em alguns casos, entre os garimpeiros e os donos do terreno, que, normalmente, vão aos garimpos nos dias de apuração para receber sua parcela na partilha. Ainda segundo T:

Tem uns donos (do terreno) que ficam mais desconfiados. Então, toda vez ele fica esperando pra ver quanto que vai dar.

Agora quando o cara não é desconfiado, ele já confia mais, ele nem esquentava a cabeça então a pessoa chega lá e fala a porcentagem foi X então o seu é tanto e pronto. Agora tem outros mais desconfiados que coloca até gente dentro do garimpo pra acompanhar a atividade toda.

A quebra do sentimento de confiança em relação a qualquer um dos membros de um grupo é o principal fator de exclusão, ou até mesmo de desestruturação do grupo. Segundo o garimpeiro A.:

O que pode acabar com o grupo é o dono (do garimpo), por exemplo, abaixar a porcentagem de ouro. Você chegar trabalhando para o cara com 5 ou 6 % e quando chega no fundo que tem ouro o cara abaixa para 3%. Eu sinceramente, pode tá tirando 1 kg de ouro que eu não fico, é uma coisa muito ruim uma desigualdade muito grande com o trabalhador. O cara trabalha e acha que vai ganhar dinheiro bom mas na hora não ganha o dele. Isso é uma coisa que eu não concordo mesmo.

Este sentimento de desconfiança se manifesta diariamente no ambiente de trabalho. Ele ocorre não somente em relação aos parceiros de trabalho, mas a todos os desconhecidos que se aproximem do garimpo. Nestes casos, o principal temor é, com certeza, da polícia, ou de algum delator que possa vir a denunciá-los. Os ambientalistas, pelo mesmo motivo, também são muito temidos.

Toda essa suspeita exige uma organização muito peculiar do trabalho, no sentido de evitar os roubos, outrora muito frequentes, mas que atualmente têm diminuído, devido às medidas para impedi-los, como, por exemplo, o recolhimento diário de todos os carpetes que contêm ouro, nunca deixando nada de valor no

garimpo. Por tudo isso, a atividade garimpeira, em Mariana, se desenvolve em um ambiente muito discreto. Nunca se vê os garimpeiros contando vantagens de grandes achados; na verdade, quase nunca dizem o quanto estão retirando de ouro. Quando perguntados, sempre dizem uma quantidade muito menor do que realmente estão extraíndo. O garimpeiro L descreve como são os roubos na região:

Para te falar a verdade eles já me roubaram oito vezes. Depois de um tempo junto deles, os mesmo cara que trabalhavam comigo eles me roubaram, depois mais dois me roubaram neste mesmo lugar. Já chegaram a me roubar no terreiro aqui de casa 100 gramas de ouro e é tudo murado, eles tiveram que pular o muro. Agora ultimamente está difícil porque se você falar que está tirando muito ouro já fica gente de olho ainda mais nessa crise aí, se você for falar que está com 500 gramas de ouro em casa eles vem e te roubam.

Estas relações de confiança ultrapassam o ambiente de trabalho e podem ser notadas em outros setores da vida do garimpeiro. Um exemplo disto é quando, nos momentos de baixa extração, se vê obrigado a pedir crédito no comércio local, principalmente para a compra do combustível dos motores. Normalmente, os comerciantes são resistentes na concessão de crédito por insegurança quanto ao pagamento, sobretudo quando do insucesso da extração. Como a expectativa da descoberta é constante, as dívidas com combustíveis podem ficar elevadas, ampliando a insegurança dos comerciantes locais. Este receio é ainda maior em relação aos garimpeiros forasteiros, pois estes, caso não obtenham resultados satisfatórios, podem simplesmente ir embora, deixando as dívidas.

## 5. O MÉTIER DE GARIMPEIRO

Cê trabalhar no ouro é uma emoção muito grande, cê tá doido, coisa boa. Quando você acha o ouro então, aí nossa senhora, é coisa boa demais, demais, é uma emoção danada, não troco essa emoção do garimpo por nenhum outro trabalho.

G.V.

(pioneiro na utilização dos motores no garimpo em Mariana)

Como argumentamos, o *métier* é entendido como uma forma específica de organização e divisão do trabalho. Nele está contido um conjunto de conhecimentos e de *savoir-faire* inerentes às atividades do trabalho, conhecimentos tácitos e saberes empíricos ligados essencialmente às “manhas do ofício”. Estes conhecimentos, constituídos não só na educação formal, são responsáveis pela formação da identidade do trabalhador, evoluindo ou se modificando através do tempo.

A atividade garimpeira é desenvolvida em um ambiente natural aberto e mutável no tempo e no espaço. Cada cava, cada barranco, cada curva do rio apresenta situações distintas e em permanente transformação; tais circunstâncias ecológicas particulares impõem contínua adaptação, ajustamento e improvisação dos procedimentos rotineiros e das técnicas de extração. Toda decisão no processo de trabalho depende de uma cuidadosa avaliação das circunstâncias em questão. Ademais, os resultados da atividade são marcados por uma imprevisibilidade irredutível, apenas imperfeitamente contornada por uma razão prática que interpreta pistas proporcionadas por um ambiente complexo. A atividade faz-se acompanhar, pois, de uma série de conhecimentos tácitos, saberes empíricos incorporados à experiência e associados às circunstâncias típicas deste ambiente, que são corporificadas e representadas na *sorte*.

Neste contexto, revela-se a forte dimensão subjetiva presente na constituição desse *métier*, tanto pelo caráter eminentemente oculto do ouro como pelas incertezas do sucesso extrativo. O caráter probabilístico e a elevada contingência do empreendimento aproximam-no, em certa medida, do estado de espírito e da postura típica do *jogador*. (GOFFMAN, 1967). Como afirma o garimpeiro J sobre o processo de escolha do terreno onde se processará a extração.

o ouro também é muita sorte né. Costuma você bater o furo aí, acertar na veia e costuma você trabalhar dois três meses aí e não achar nada. Demanda muita sorte. O cara acertar uma área que tem ouro aí

Ou ainda, como afirma o mesmo garimpeiro M:

(...) a gente vai mais é no escuro mesmo, teve lugar que eu fiz 6 furos não achei nada (...) porque não dá para saber onde tá o ouro, tem que tentar, na verdade a gente cisma com aquele lugar e diz: “vou furar ali porque ali deve ter” às vezes dá sorte, eu já cismeí com um lugar e o resultado não foi bom não

A atividade garimpeira, envolvida pelo incidente, pelo imprevisto, pelo não programado, resulta em rotinas interativas, que, aliás, não estão presentes somente nela própria, mas também nos ambientes de trabalho em que o *métier* é o estruturador das relações sociais.

À contingência do ambiente natural em que se desenrola o garimpo, soma-se um contexto institucional de incertezas, de legislação confusa e de imprevisibilidade da fiscalização, que favo-

recem a constituição de um ambiente extremamente conflituoso. O garimpo foi, desde o seu surgimento, ora extremamente perseguido, ora incentivado como uma importante forma de geração de recursos, cristalizando este ambiente de incertezas que caracterizam a atividade.

Tudo isso faz com que a atividade garimpeira seja organizada provisoriamente, sem grandes investimentos em capital fixo, assemelhando-se, por exemplo, à pesca artesanal, à coleta vegetal, ou mesmo a atividades camponesas, que são sempre sensíveis às incertezas do ambiente de trabalho. Neste sentido, opõe-se radicalmente ao ambiente fechado e artificial de uma fábrica, onde todas as tarefas devem ser gerenciadas visando a uma racionalização maior das atividades do trabalhador e à maximização dos lucros.

É possível que tudo isso tenha favorecido o surgimento de um *esprit de corps*, perceptível nos atos de lealdade e de solidariedade dentro do grupo. No entanto, é a *confiança interpessoal* o elemento de maior importância na estruturação das relações sociais de trabalho. Esta importância crucial deriva-se fundamentalmente das incertezas criadas pela condição de clandestinidade do garimpo, considerado uma atividade ilegal, carente das garantias da regulamentação estatal e cujo produto é extremamente valioso. A confiança interpessoal baseada em laços prévios é a base do processo de seleção de trabalhadores e estrutura também a própria formação dos grupos, muitas vezes formados por familiares na tentativa de diminuir as contingências e conseqüentemente as possibilidades de conflitos neste ambiente de elevado risco. O fato de ser o garimpo uma atividade ilegal produz um forte sentimento de insegurança decorrente da repressão, e elimina a possibilidade de uma organização rígida, um dos fatores determinantes para

uma divisão flexível do trabalho. Este fato requer das pessoas envolvidas uma organização do trabalho muito peculiar, inclusive uma cumplicidade com a comunidade na qual estão inseridos.

Os envolvidos sentem-se participantes da mesma aposta num ambiente marcado por expectativas e incertezas. Este sentimento compartilhado ameniza as relações hierárquicas entre os trabalhadores, revelando relações de parcerias, de solidariedade nos trabalhos e de amizade fraternal dentro do grupo. Isso dá ao garimpeiro a agradável sensação de que é um trabalhador autônomo e lhe propicia um certo orgulho por não estar sob o jugo de um patrão. Todo esse conjunto de normas pactuadas nas relações de hierarquia é chamado por alguns autores, como Cleary (1990), de *lei do garimpo*, considerada a responsável pelas estruturas das relações sociais neste ambiente instável.

O conhecimento e os saberes presentes na atividade estão fortemente ligados à sua tradição; são aprendidos em anos de atividade e num ambiente de trabalho extremamente mutável, exigindo do trabalhador discrição e discernimento. A criatividade é, sem dúvida, fator preponderante e de suma importância, devido às várias e inesperadas situações que, freqüentemente, surgem no dia-a-dia do seu trabalho. As rotinas repetitivas do trabalho são algo secundário, e o que realmente sobressai é a verdadeira compreensão de suas ações em função do objetivo: a descoberta do ouro. Todo o cabedal de conhecimentos do garimpeiro passa também pelo domínio de histórias antigas do garimpo sobre as imperícias e o sucesso de outros garimpeiros, e a posse das áreas que as frentes de extração do passado ignoraram. Estes saberes, passados de pai para filho e aprendidos no cotidiano do trabalho, são chamados

*jogo do rio* (CLEARY, 1990), e é através de seu domínio que os garimpeiros têm suporte para lançamento de seus palpites e escolha do local onde se deve abrir uma cava.

Dentro do ambiente de contingências que caracterizam o garimpo, existem os trabalhadores reconhecidos, pela própria comunidade, como *virtuosi*. Na região de Diamantina, este trabalhador é conhecido como o *garimpeiro sabido*, isto é, aquele que parece ser “iluminado” para o garimpo. Este fato, muitas vezes, constitui razão de autoridade e posição de ascendência sobre os demais membros do grupo. Esta dimensão subjetiva também está presente na expectativa da descoberta, fortalecendo o imaginário do garimpeiro e de quem pretende sê-lo. Nele, constituindo os elementos norteadores, estão presentes o sonho de enriquecer abruptamente, o descrédito nos mecanismos de sondagem do terreno e a crença na intuição, nas lendas e mitos.

O rico histórico da atividade garimpeira é um elemento de extremo orgulho para os trabalhadores que o defendem de qualquer influência externa. O garimpeiro é extremamente avesso a rupturas nesta estrutura solidificada pela tradição. Sua aversão é expressa na resistência a elementos estranhos ao seu ambiente de trabalho, como por exemplo, os órgãos públicos. A presença destes órgãos ou mesmo a de ambientalistas que podem denunciá-los é vista com desconfiança e está associada ao poder coercitivo da Polícia Militar. Por conseguinte, tentam continuamente escapar do raio de ação da esfera governamental. Hoje, para os garimpeiros, o Estado ainda é o mesmo dos tempos coloniais, quando havia, ao menor sinal de sua presença, o ato de se esconder nas grimpas, para evitar qualquer ato de repressão que os pudesse atingir.

Com isto, pode perceber-se que o elemento preponderante e definidor do *métier* de garimpeiro é estar inserido em um ambiente de extrema contingência, seja pelas próprias características do processo extrativo, pelo caráter oculto do produto ou pela sua ilegalidade. Assim, este ambiente mutável e de incertezas é uma característica fundamental para o entendimento da estrutura do *métier* de garimpeiro.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os princípios associados à atividade garimpeira, tais como “sorte”, “trabalhar no escuro”, ou mesmo o caráter totalmente aleatório do garimpo – expressões comumente associadas à garimpagem e confirmadas pelos próprios garimpeiros – na verdade, dependem de um cabedal de conhecimentos e habilidades disponível somente aos diretamente envolvidos na atividade. Ou seja, tentou-se demonstrar que o conhecimento das “manhas do ofício”, a sorte, as habilidades e o saber-fazer que compõem o *métier* de garimpeiro são uma construção social, e esta não está disponível de forma paritária a todos os envolvidos na atividade ou àqueles que pretendem se integrar a ela. É neste sentido que se pode entender a excelência de alguns garimpeiros como aquele trabalhador virtuoso (garimpeiro sabido), que se destaca no grupo como o mais hábil, ou seja, aquele que melhor navega neste ambiente de extrema contingência: o garimpo de ouro.

O que se percebe é que as mudanças que o *métier* de garimpeiro vem sofrendo ao longo do tempo estão diretamente relacionadas com todo o contexto institucional que é extremamente contingente, tanto quanto o ambiente de trabalho do garimpo. Esse contexto, ora proibindo, ora favorecendo o garimpo artesa-

nal, sempre gerou e continua gerando um gradiente de incertezas quanto ao futuro desta tradicional atividade. Por conseguinte, o garimpo se mantém na clandestinidade e ainda submetido a uma legislação confusa e com níveis de exigências para a regulamentação incompatíveis com a sua realidade. A legalização desse tipo de atividade esbarra sempre na burocracia do Estado, uma vez que os terrenos, onde são realizadas as extrações, são áreas já requeridas junto ao DNPM por grandes empresas que, ao não se interessarem pelas áreas de pequenas jazidas, abrem espaço a estes pequenos empreendimentos. No entanto, o que se percebe é que os garimpos artesanais e semimecanizados de ouro, que se estruturam em torno dos “motores de garimpo” em Minas Gerais, dão sinais claros de esgotamento. Essencialmente em função de novas exigências tecnológicas que escapam ao controle dos grupos de garimpeiros, alias como já ocorreu em outros momentos do passado.

# Notas

---

- <sup>1</sup>. Segundo estimativa do DNPM (Departamento Nacional da Produção Mineral), Sumário Mineral de 2004, os garimpeiros foram responsáveis por 44% do ouro extraído no Brasil em 2003, (estima-se que o garimpo deva responder atualmente por mais de 1/5 da produção mineral brasileira, excluído o petróleo).
- <sup>2</sup>. Este artigo é parte de uma pesquisa realizada nos garimpos clandestinos de ouro da cidade de Mariana MG quando da elaboração da minha dissertação de mestrado em Extensão Rural na (UFV), que teve como objetivo investigar as relações de trabalho nesta atividade tradicional.
- <sup>3</sup>. Esta concessão é fornecida pelo DNPM, e se trata de um processo lento e oneroso, o que desmotiva o garimpeiro a buscá-lo, e desta forma, dar o primeiro passo a sua legalização
- <sup>4</sup>. Na edição brasileira, apesar da ressalva no pé de página, esta expressão é traduzida, ao meu ver, erroneamente, como “modelo da ocupação”. Preferiu-se usar a expressão modelo do “*métier*”.
- <sup>5</sup>. DE SOTO, H. O mistério do capital: Porque o capitalismo dá certo nos países desenvolvidos e fracassa no resto do mundo? Rio de Janeiro: Record, 2001.
- <sup>6</sup>. Conforme solicitação dos próprios trabalhadores, seus nomes verdadeiros foram omitidos. As letras utilizadas referem-se ao primeiro nome dos garimpeiros.
- <sup>7</sup>. Expressão utilizada por MARTINS M. (1997) para denominar o virtuosismo de garimpeiros em Diamantina

## BIBLIOGRAFIA

- BERGER, P. Luckmann, T. A construção social da realidade. Petrópolis, Rio de Janeiro:
- CLEARY, David. Anatomy of the Amazon gold rush. Iowa city: University of Iowa Press, 1990.
- GOFFMAN, E. Interaction Ritual: Essays in Face-to-Face Behavior. In: Interaction Ritual: Essay on face-to-face Chicago: Aldine, 1967
- MARTINS, Ana Luiza. Breve história dos garimpos de ouro no Brasil. In: ROCHA, Gerônimo. Em busca do ouro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.
- MARTINS, Marcos, L. Identidades sociais e ação coletiva; o caso dos garimpeiros da micro região de Diamantina. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 1997. (Dissertação, Mestrado em Sociologia).
- PEREIRA, Alberto. Garimpo e fronteira Amazônica; as transformações dos anos 80. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1990. (Dissertação, Mestrado em Demografia Econômica).
- PORTES, Alejandro. The informal economy and its paradoxes. In: SMELSER, J. Neil, Swedberg, R. The Handbook of Economic Sociology. Princeton: N.Y, Princeton University Press, 1994.
- SCOTT, James. Seeing like a State: how certain schemes to Improve the Human Condition Have Failed. New Haven: Yale University Press, 1998.

STINCHCOMBE, Arthur L. Information and organizations. Oxford, University of California Press, 1990.

TILLY, Chris & TILLY, Charles. Work at Capitalism. Boulder (Co): Westuien, 1998.

TOMASI, Antônio de Pádua. Qualificação ou Competência? In: TOMASI, A. Da qualificação á competência.pensando o século XXI. Campinas: Papirus, 2004

ZARIFIAN, Philippe. Objetivo Competência; por uma nova lógica. São Paulo: Editora Atlas, 2001.



